



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiriças, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA

UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS

CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011)

(autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



O CIRCUITO *ROCKEIRO* NA TRÍPLICE FRONTEIRA

Franciele Cristina Neves¹

Ernelo Schallenger²

RESUMO:

Este texto trata de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, que tem como intuito estudar através do gênero musical denominado *Rock and Roll*, a formação de uma tribo urbana em um espaço caracteristicamente híbrido. O espaço escolhido para estudo é a região da Tríplice Fronteira entre Brasil-Argentina e Paraguai. Este espaço se destaca pela diversidade étnica e pela pluralidade de subculturas. O objetivo da pesquisa é mapear os pontos de intersecção e interação deste grupo nas três cidades fronteiriças, assim como as redes sociais que a compõe. O método escolhido foi a etnografia, através da observação participante e entrevistas semi-estruturadas, utilizando bibliografias especialmente na área de antropologia e sociologia.

PALAVRAS-CHAVE:

Rock and Roll; Culturas Híbridas; Fronteiras Nacionais; Formação de Identidade.

ABSTRACT:

This paper describes a study still in development, which has the intention to study through the musical genre called Rock and Roll, the formation of an urban tribe in a space typically hybrid. The area chosen for study is the tri-border region between Brazil, Argentina and Paraguay. This space is distinguished by ethnic diversity and the plurality of subcultures. The objective of this research is to map the points of intersection and interaction of this group in the three border cities, as well as the social networks that comprise it. The method chosen was ethnography, participant observation and semi-structured interviews, using bibliographies and especially in the anthropology and sociology.

KEY-WORDS:

Rock and Roll; Cultures Híbrids; National Boundaries; Identity Formation.

1) INTRODUÇÃO:

O presente artigo é resultado de diversas discussões realizadas em sala durante a disciplina de “Cultura e Relações de Fronteira”, ministrada pelo Professor Doutor Erneldo Schallenberger. Durante as aulas houve discussões sobre temáticas como: fronteira, cultura e identidade. Neste texto relaciono as discussões da disciplina com a pesquisa que venho realizando no programa de pós-graduação.

Atualmente vivemos em uma sociedade contemporânea, globalizada e interconectada. Como efeito desses fenômenos temos uma pluralização das identidades, “produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionadas, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas”, afirma Marshall Sahlins (2006:87). Sentimos a necessidade de nos identificar, assim criamos grupos a partir destas identidades. Estes grupos se reconhecem entre si, e são reconhecidos por outros como tal. Embora o grupo seja formado por indivíduos que possuem divergências em alguns pontos, há uma unidade mínima entre seus integrantes. Cada identidade é diferente das outras, pois se desenvolvendo em ambientes diferentes, com formas e pressupostos diferentes.

O gosto musical tem se mostrado como um forte fator de identidade entre os grupos sociais, sobretudo a partir do acesso cada vez mais facilitado pelas comunicações. Neste sentido, a sociabilidade a partir do *rock* abre a possibilidade de construção de uma identidade *rockeira*. Assim como qualquer outra identidade, este grupo assume discursos específicos, assim como significados e símbolos. Encontra-se neste grupo características específicas, que nos permitem fazer a classificação entre “nós e eles”. Além disto, entendo este fenômeno como um gênero musical resultante de um multiculturalismo.

Ao tratar da identidade *rockeira*, escolho como espaço de pesquisa a fronteira geográfica da região entre Brasil-Paraguay-Argentina. Este espaço é marcado por frequentes fluxos³ econômicos e turísticos, e pela presença de diversas etnias. Este espaço da Tríplice Fronteira já foi tema de inúmeros estudos que tratam principalmente dos temas do trabalho, práticas comerciais, turismo e migração. Na área de ciências sociais, algumas pesquisas receberam reconhecimento acadêmico, como os trabalhos de José Lindomar Albuquerque (2009) sobre o trânsito dos “brasiguaios”, a tese de Fernando Rabossi (2004) sobre o comércio de rua em Ciudad Del Este (PY), por exemplo. Nesta perspectiva, durante a realização da pesquisa, dou um enfoque diferenciado em relação aos estudos já realizados na fronteira, privilegiando a característica plural do espaço geográfico para entender as práticas e a organização de um grupo formado a partir de um gênero musical.



2) FRONTEIRA ENTRE ESTADOS NACIONAIS:

Ao se discutir a temática tão ampla da “fronteira”, José de Souza Martins (1997) diz que este espaço é de muitas “coisas”, como exemplo: “fronteira de civilização, fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem. E, sobretudo, *fronteira do humano*”, afirma o autor (MARTINS, 1997:13).

Sendo assim, vê-se que no mundo contemporâneo a noção de fronteira adquire diferentes sentidos. Genericamente, fronteira pode ser “simbolizada por barreiras e por travessias nos distintos territórios de ocupação humana e de expressão de formas de conhecimento das experiências humanas.”, afirma Albuquerque (s/n:01). Na modernidade ocidental atual, o conceito é normalmente associado aos limites dos Estados nacionais, aos controles jurídicos e militares dos territórios, além da zona de demarcação dos países. No presente trabalho, privilegio o enfoque da fronteira como margem de Estados nacionais, ou seja, a fronteira física entre países.

A região de fronteira entre países são espaços caracteristicamente plurais e de grande movimentação diária. São ambientes de frequentes trocas sociais, culturais, econômicas e políticas, assim, ela nunca se apresenta de forma homogênea ou formatada, pelo contrário, são lugares vivos e pulsantes, diz Daniele Reiter Chedid (2010). Em síntese a fronteira é dinâmica, é frequentemente redefinida, é paradoxal, aproxima e afasta indivíduos, é o último espaço da lei nacional, é “terra de ninguém”, é barreira e fluxo, além de criar uma situação de assimetria se tratando da relação de um país e de outro – onde um sempre será dominante e o outro dominado, complementa Albuquerque (2012).

A fronteira indica margens de um território, e se tratando de fronteira nacional, representa também limites jurídicos, delimitando espaços que define o perímetro máximo do controle de um Estado – podendo ser materializada em uma aduana, por exemplo. São espaços que diferenciam o nacional do estrangeiro, podendo criar estereótipos negativos para com os vizinhos, formando uma identificação contrastiva entre os diferentes grupos étnicos (BARTH, 1998; ALBUQUERQUE, 2012; COLOGNESE, 2011). Estas áreas são, naturalmente, um espaço de conflito, pois se caracteriza por ser um espaço de choques culturais, econômicos e legislativos. Para Juan Carlos Arriaga (2012), é uma região de perigo, pois é porosa e insegura, mas também pode ser um espaço de cooperação mútua.



O papel simbólico destes limites também é importante observar, afirma Lia Osorio Machado (2010), pois há uma proximidade entre populações que são formalmente separadas por um limite nacional, afirmando novamente a dualidade entre “nós e eles”, fazendo com que seja impossível reduzir este espaço ao seu aparato funcional, constituído por aduanas, policias e, serviços imigratórios e intercambiários.

Ao discutir esta temática do ponto de vista antropológico, Silvio Antonio Colognese aponta uma definição que leve em consideração as suas implicações identitárias, culturais e simbólicas: “as fronteiras sempre são contraditórias, na medida em que ao marcarem as bordas, pressupõe a existência de ‘outros’ em relação aos quais um centro pretende se diferenciar e estabelecer limites.” (COLOGNESE, 2011:141). Assim, a fronteira se torna um espaço “privilegiado das manifestações das interações relacionais e conflitivas que as constituem”, afirma o autor (2011:142).

Estudos que tratam do ambiente de fronteira física são importantes para que deem conta das variedades ali encontradas, porém deve-se tomar cuidado, pois os conceitos que tentam dar conta desta diversidade normalmente são polissêmicos. É neste espaço contraditório e híbrido que penso na construção da identidade de um grupo musical, conjunto que convencionarei chamá-los de *rockeiros*.

3) APONTAMENTOS SOBRE IDENTIDADE:

A questão da identidade está sendo frequentemente discutida nas ciências sociais. Em essência, debatem-se sobre as antigas identidades, as transformações sofridas ao decorrer das mudanças sociais e seu atual declínio.

Nos tempos tradicionais se acreditava que o indivíduo era divinamente estabelecido, sua identidade era definida pela sua classe social e não havia possibilidade de mudanças, portanto, eram estáveis e unificadas. Como resultado de correntes de pensamentos e acontecimentos históricos, houve uma ruptura com esta forma de organização, acontecimento denominado por Stuart Hall (2006) de modernidade. Nesta fase surge a ideia de sujeito e identidade individual, libertando os indivíduos das tradições, porém, o espaço e o lugar ainda eram coincidentes.

Com o passar do tempo e a expansão do capitalismo, a sociedade continuou sofrendo mudanças, transformações que estão presentes na atualidade. Para Hall, esta última fase é denominada de “pós-modernidade”, ou “modernidade tardia”, onde estão surgindo inúmeras identidades que estão fragmentando o homem. A este acontecimento o autor denomina “crise de identidade”, acontecimento que está deslocando os processos



centrais das sociedades modernas, assim como esta abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma segurança no mundo social.

Portanto, vivemos em uma era onde as identidades modernas estão entrando em colapso e fragmentando a cultura em classe, gênero, etnia, sexualidade, raça, nacionalidade, dentre várias outras divisões. O homem fragmentado não é composto de uma única identidade; ele assume várias identidades, podendo ser contraditórias, provisórias, variáveis e problemáticas. Ou seja, este sujeito pós-moderno não tem identidade fixa, essencial ou permanente, sua identidade é transformada continuamente em relação às formas que somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Estas identidades são acionadas em diferentes momentos e não estão unificadas ao redor de um “eu” coerente.

A pós-modernidade está intimamente relacionada com o processo de globalização, fenômeno que se refere a acontecimentos de escala global, atravessando fronteiras nacionais, conectando e integrando organizações e comunidades em novas configurações de tempo-espço, tornando o mundo mais interconectado e resultando em rápidas e drásticas mudanças. Para Anthony Giddens (1991), na medida em que os diferentes lugares do globo entram em conexão, é inevitável que ondas de transformação atinjam o mundo todo, justificando o ritmo e o alcance das mudanças atuais, além de criar uma percepção de encolhimento espacial. Afirma ainda que as principais mudanças deste novo tempo são do tempo e do espaço, onde as relações sociais são retiradas dos contextos locais e se reestruturam em escalas indefinidas no espaço-tempo. Como implicações, estabelecemos interconexões sociais a nível mundial, além de alterar algumas características íntimas da existência cotidiana.

Em suma, as consequências desta globalização são:

(...) as velhas estruturas dos estados e das comunidades nacionais entraram em colapso, cedendo lugar a uma crescente “transnacionalização da vida econômica e cultural”. A globalização envolve uma interação entre os fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas. Essas novas identidades, caricaturalmente simbolizadas, às vezes, pelos jovens que comem hambúrgueres do McDonald’s e que andam pela rua de Walkman, formam um grupo de “consumidores globais” que podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo e que mal se distinguem entre si. O desenvolvimento global do capitalismo não é, obviamente, novo, mas o que caracteriza sua fase mais recente é a convergência de culturas e estilos de vida nas sociedades que, ao redor do mundo, são expostas ao seu impacto (ROBINS *apud* WOODWARD, 2000:20).



Vê-se que a globalização é responsável por crises de identidades, e consequentemente pela produção de novas identidades, estas podem ser distanciadas da cultura local e se identificar com grupos “virtuais”. Nesta sociedade capitalista moderna em que vivemos, há uma grande quantidade e diversidade de estímulos, pluralizando os centros de poder, principalmente se tratando da produção e do consumo, criando assim, a possibilidade das mais diversas identidades. As identidades são criadas em momentos específicos no tempo. Uma das principais características destas sociedades é nos proporcionar “identidades a partir de um jogo intenso e dinâmico de papéis sociais” (VELHO, 2003:08). Assim, criam-se vários estilos de vida e visões de mundo e, devido a este fator, cada indivíduo vive múltiplos papéis, de acordo com o meio em que vive, e é exatamente esta coexistência de vários mundos paralelos que constitui a dinâmica dessas sociedades modernas.

Os chamados “campos sociais”, tratados por Pierre Bourdieu (1990), são importantes para entender os papéis que ocupamos na sociedade. Na atual sociedade vivemos cercados de inúmeras instituições, como grupos de colegas, educação, trabalho, dentre outros, instituições estas que exercemos graus diferenciados de escolha e autonomia, porém, cada um deles se encontra em um contexto específico. “(...) somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo” (HALL *apud* WOODWARD, 2000:30). Adquirimos variados papéis em diferentes ocasiões, fazemos isto a partir de um “jogo de identidades” de acordo com os nossos interesses, apesar de nos sentirmos a mesma pessoa. Somos posicionados, assim como nos posicionamos de acordo com os “campos sociais” em que estamos inseridos.

Portanto, dentre as várias possibilidades de identidade que a sociedade moderna nos oferece, o *rock* se torna uma das alternativas existentes. As identidades são criadas dentro das culturas, trazendo consigo símbolos e representações, munidos de significados, partilhados pelos componentes de seu grupo. Para Kathryn Woodward (2000), sentimos necessidade de identificação ao nos posicionarmos dentro de uma sociedade, e é por isso que os indivíduos investem em uma identidade. É através destes significados que damos sentido a nossa experiência, tanto individual quanto coletiva. Para a autora, são estes sistemas simbólicos que fornecem as possíveis respostas as questões: “Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?”.

As representações em uma cultura são a chave para a produção de significados, e estes permeiam as relações sociais, levando então, a necessidade de identificação do indivíduo como componente de um grupo. Estas práticas que produzem significado



envolvem relações de poder, caracterizando assim, quem é incluído e excluído ao grupo. Ao dar sentido à experiência, a cultura nos permite optar entre variadas identidades disponíveis, fazendo isto através da subjetividade. Além da variada possibilidade de identidade que a cultura nos oferece, sofremos influência também das relações sociais que nos permeiam. Portanto, ao escolher uma identidade, naturalizamos os sistemas simbólicos e damos sentido à experiência do grupo.

Se a identidade é marcada por símbolos, pode-se dizer que existe uma forte associação entre a identidade e os símbolos exibidos na indumentária, nas linguagens, nas preferências e práticas cotidianas, além do conjunto das relações que o indivíduo trava no interior da sociedade. O *rock* se mostra, tendo a construção da identidade como referência, munido de símbolos e linguagens próprias, a exemplo do cabelo comprido, das tatuagens e dos trajes característicos.

A identidade também é marcada pela diferença em relação a outras identidades, possibilitando assim, o reconhecimento das fronteiras entre os grupos – antagônicos ou não. A identidade do *rockeiro*, como qualquer outra identidade, necessita do sentimento de alteridade para sua própria construção. A oposição a identidades contrastivas é fundamental para a definição das novas identidades. No caso da identidade *rockeira*, se opõe, por exemplo, a identidade *sertaneja*, *pagodeira* e *funkeira*⁴.

Antes de falar das características do *rock*, torna-se importante resgatar o contexto histórico em que esta identidade do *rockeiro* emerge. O *rock* se encaixa em um segmento chamado por Woodward (2000) de “novos movimento sociais”. Segundo ela, estes movimentos consistem em:

Esses “novos movimentos sociais” emergiram no Ocidente nos anos 60 e, especialmente, após 1968, com a rebelião estudantil, o ativismo pacifista e antibélico e as lutas pelos direitos civis. Eles desafiaram o *establishment* e suas hierarquias burocráticas, (...). As lealdades políticas tradicionais, baseadas na classe social, foram questionadas por movimentos que atravessam as divisões de classe e se dirigem às identidades particulares de seus sustentadores. A política de identidade era o que definia esses movimentos sociais, marcados por uma preocupação profunda pela identidade: o que ela significa, como ela é produzida e como é contestada. A política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política. Essa política envolve a celebração da singularidade cultural de um determinado grupo, bem como a análise de sua opressão específica. (WOODWARD, 2000:33-34).

Estes novos movimentos, na qual o *rock* se engloba, sofrem influência desta onda de identidade política. Em algumas subcategorias do *rock*, encontramos movimentos



musicais-políticos que demonstravam interesses em políticas anti-bélicas, pacifistas, anti-tradicionistas e anti-exploratórias, como por exemplo, o *movimento punk* (NEVES, 2010). Esta política de identidade recruta indivíduos por meio deste processo de construção da identidade.

3.1) O ROCK AND ROLL:

O grupo é formado pelo gosto musical em comum, e a partir disto, constrói-se um conjunto de códigos e signos que devem ser seguidos. Ou seja, para ser *rockeiro* “é necessário estar de ‘acordo’ com as bases de pensamento e comportamento exigidas pelo *estilo de vida*” (LIMA FILHO, 2011:08). O sentimento de pertença a esta classificação acontece por meio da partilha destes códigos simbólicos que são impostos aos praticantes. São elementos comuns neste grupo representações, posturas, práticas, ações e idéias, enfim, características que compõem este *estilo de vida*. A sociabilidade se faz por meio de amizades e encontros em locais privados, e principalmente, em lugares públicos.

O *Rock and Roll* pode ser considerado também um “gênero musical”. Para Allan de Paula Oliveira o gênero musical se define como “um conjunto estável de enunciados, reconhecidos (e, portanto, chancelados) por uma audiência específica” (2009:37)⁵. Embora o grupo seja formado por indivíduos que possuem divergências em alguns pontos, há uma unidade mínima entre os integrantes dos subgêneros. A canção, por exemplo, é um enunciado, e as suas características estáveis – tais como instrumentos e a letra da música - é o que possibilita o seu reconhecimento como uma forma comunicativa pelo grupo. Assim, o grupo é formado a partir do gênero musical.

A estas aglomerações José Guilherme Cantor Magnani (2007) denomina “tribos urbanas”, termo usado por ele para identificar a presença, o comportamento e práticas de grupos urbanos, caracterizado pelos ajuntamentos pontuais e pela fluidez, como exemplo as pesquisas de Pedro Alvim Leite Lopes (2007), sobre o mundo *heavy metal* no Rio de Janeiro, e Marines Antunes Calil (2000), sobre as práticas *neodândis* em São Paulo na década de 80. Nestas tribos urbanas há a possibilidade de constituição de uma estética própria – como já dito anteriormente, a estética simbólica do *rockeiro*. São grupos bem delimitados, normalmente pequenos e fechados, com regras e costumes particulares, contrastando com grupos de caráter massificado⁶. Esta tribo urbana compõe a chamada *cena underground*⁷, que é conhecida por um conjunto de valores e uma cultura específica.



Ao tentar compreender a dinâmica interna deste grupo, é preciso delimitar seus pontos de intersecção e sociabilidade. Para tanto, faço uso do conceito de “circuito” para Magnani (2007):

... uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais. A noção de circuito também designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos, porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater a contigüidade, (...). (MAGNANI, 2007:21).

É possível afirmar a existência de um circuito musical na Tríplice Fronteira – apresentado de forma preliminar no apontamento da pesquisa abaixo. Estes espaços e estabelecimentos são reconhecidos pelos freqüentadores deste circuito. Estes espaços podem propiciar o contato entre pessoas dos três países, gerando então o circuito de festas.

Para que estas festas aconteçam é necessária a existência de uma rede social bem definida. “Rede social”, para Weber Soares (2004:106), consiste em um “conjunto de atores ou nós ligados por um tipo específico de relação”, relações estas que podem ser de amizade, de conhecimento, de trabalho e/ou parentesco. Para Capra, antes de tudo, as redes sociais são “redes de comunicação pautadas em características como linguagem simbólica, restrições culturais e relações de poder” (*apud* LIMA FILHO, 2011:12).

A rede *rockeira* é formada a partir do envolvimento dos atores com a apreciação, a produção de música *rock*, e a promoção dos shows; constituindo assim um sentimento de unidade em torno dos *ethos* do grupo⁸. Dois elementos são apontados como fundamentais para a constituição de uma rede: os atores e suas conexões. Esta rede não é composta somente pelos artistas e por jovens que freqüentam os shows e festas, mas é formada também por outras estruturas que são necessárias para a produção e o consumo do *rock*. Em um estudo sobre as redes sociais *rockeiras* em Fortaleza, Irapuan Peixoto Lima Filho (2011) descreve os atores chaves que compõem esta rede, são: os artistas; o público; os articuladores (como os promotores de evento, os empresários e as entidades associativas); as sedes de eventos e os pontos de encontro.

O nó desta rede se concretiza nos eventos ao mobilizar os atores. A festa se torna um espaço importante não só para a afirmação da identidade do *rockeiro*, mas também pode ser uma oportunidade de afirmação da identidade nacional. As festas acontecem principalmente nos finais de semana, mas, a “rede social” *rockeira* está freqüentemente ativa.



Segundo Fredrik Barth (1998), os grupos étnicos, ao entrarem em contato, ao contrário do que supõe as teorias da aculturação e de homogeneização cultural, não são necessariamente assimiladas ou massacradas umas pelas outras. O contato, todavia, exige a formulação de setores de permeabilidade e setores de restrição aos contatos, protegendo as identidades, e frequentemente as fortalecendo⁹. Os pontos de intersecção entre os atores das três nacionalidades podem, por vezes, reafirmar as identidades nacionais em questão.

4) APONTAMENTOS INICIAIS:

O espaço da Tríplice Fronteira já foi marcado por amplos conflitos agrários. Se tratando da história da ocupação do sul do Brasil, e neste caso mais especificamente do Estado do Paraná, faço uso dos estudos realizados por Erneldo Schallenger (2009 e s/n). Segundo este autor, a fronteira enquanto marco político e territorial somente começou a ter significado para o Paraná a partir de 1872, ano em que foi assinado o Tratado de Paz, momento em que o rio Paraná passou a ser marco divisório entre os territórios paraguaio e brasileiro.

Porém, ainda havia problemas na demarcação do território entre o Brasil e a Argentina. Apesar da ocupação brasileira do espaço conhecido como campos de Palmas a partir de 1830, a Argentina reivindicava este território. Nossos vizinhos mantinham posse da região brasileira entre os rios Chapecó e Peperi-Guaçu, porém, o governo imperial nacional reagiu a esta ocupação argentina com a fixação de colônias militares na região e na construção de estradas. Em 1888 foi enviado ao local uma comissão brasileira que tinha como intuito demarcar os limites com esse país, intensificando o confronto nesta questão das fronteiras nacionais. Após várias disputas de demarcações - inclusive conflitos internos -, o problema somente se resolveu a favor do Brasil em 1895, após a intervenção mediadora de Grover Cleveland, presidente dos Estados Unidos da América.

Apesar destas circunstâncias legais, ainda havia a problemática da ocupação efetivamente do espaço brasileiro na região de fronteira com Paraguai e Argentina. Como estratégia de fortalecimento e de desenvolvimento do Estado era importante criar meios para que esta ocupação realmente acontecesse, e por isto foram criadas políticas de migração, ou seja, “as fronteiras deixaram de ter o sentido maior de conquista de território para se tornarem espaços de ocupação para a reprodução dos interesses do capital (nacional).”, diz Schallenger (s/n:20-21). Por isto foi criado em 1938 o Conselho de Imigração e Colonização, responsável por criar relações com os governos estaduais para

definir a distribuição das correntes migratórias. O autor afirma que, as migrações tornaram-se instrumentos políticos para fortalecer as fronteiras nacionais e econômicas.

A intervenção política na ocupação de territórios fronteiriços se deu através da criação das Colônias Agrícolas Nacionais e dos Territórios Federais. No caso do Paraná, o Território Federal do Iguacu foi constituído em 1943. No mesmo ano foi instalada a primeira colonizadora, chamada Colônia Agrícola Nacional General Osório, se instalando na região sudoeste do Estado. Esta colonizadora pretendia atrair brasileiros e estrangeiros – especialmente italianos e alemães - que tivessem conhecimento e habilidades na agricultura. Pretendia-se ocupar esta região com imigrantes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, “tendo em vista que respondiam ao perfil do espírito empreendedor e do caráter ordeiro idealizados pelo discurso nacional-desenvolvimentista.” (SCHALLENBERGER, s/n:21). Sendo assim, vê-se a recente ocupação brasileira desta região.

Após a concreta constituição do espaço fronteiriço, a região da Tríplice Fronteira é constituída de três cidades, são elas: Foz do Iguacu, no Brasil; Ciudad del Este, no Paraguai; e, Puerto Iguazú, na Argentina. Abaixo, segue uma imagem que demonstra a Tríplice Fronteira entre os países:



IMAGEM 1) Marco das Três Fronteiras entre Brasil, Paraguai e Argentina. Estados nacionais que são divididos pelo Rio Paraná.

As cidades de Foz do Iguacu e Puerto Iguazú são marcadas pelo turismo, especialmente por dividirem uma das Sete Maravilhas Naturais do Mundo: as Cataratas



do Iguaçu. Entre o Brasil e o Paraguai há o compartilhamento da maior Usina Hidrelétrica já construída, além de ser uma importante fonte de energia para os três países, é também um dos locais visitados por turistas. Estes atrativos tornam-se pontos fortes da economia destas cidades e, portanto, a estrutura de hotéis, restaurantes, casas noturnas e agências de turismo são bem desenvolvidas – especialmente em Foz e em Puerto Iguazú.

O meio urbano destas três cidades fronteiriças é “constituído de uma multiplicidade de grupos migrantes que se alojam, permanente ou intermitentemente na cidade, ou que saem fora do seu território, contribui para dar a ela uma fisionomia própria”, diz Geni Rosa Duarte e Emilio Gonzales (2008). Neste sentido, há presença de vários subculturas, como chinesas¹⁰, muçulmanas¹¹, indígena, espanhola, descendentes de italianos e alemães, além de várias outras etnias que estão frequentemente presentes devido ao turismo.

Em relação as atividades econômicas, há um maior fluxo de pessoas entre o Brasil e o Paraguai, motivado pela facilidade de travessia proporcionado pela aduana entre os dois países. O movimento para a Argentina se torna menor, pois a fiscalização e burocracia são mais exigentes.

Em um mapeamento inicial do circuito *rock*, foram identificados os seguintes espaços:

a) Na cidade de Foz do Iguaçu (BR), os espaços identificados como pontos de encontro dos aficionados *rockeiros* são as casas denominadas Ballinas Irish Pub, Bob, Casulo Rock Bar, Molotov Rock Bar, New For Life – uma mescla de igreja e bar, também conhecido como Metal dos Irmãos -, Ono Teatro Bar, Palhaço, Usinas Bar e Zeppelin Old Bar.

b) Em Ciudad Del Este (PY) foram mapeados alguns espaços, porém em menor quantidade, são designados de Bunker, Cerca Del Rio, Coyote e N9ne.

c) E por fim, na cidade de Puerto Iguazú (AR), aponto alguns espaços, como o Cuba Libre, Hendrix, Jackie Brown, Jackie Black e La Barranca.

Além destes espaços há também os eventos promovidos esporadicamente em Associações de Moradores, clubes das cidades, chácaras e salões de festa¹². Estes espaços e estabelecimentos são reconhecidos pelos freqüentadores deste circuito, além de propiciar o contato entre pessoas dos três países, gerando então o circuito de festas. As festas acontecem nas três cidades, porém, a cidade brasileira de Foz do Iguaçu as recebe mais freqüentemente, pois é considerada mais estruturada e organizada (BÉLIVEAU e MONTENEGRO, 2006).



Também foi identificado preliminarmente as bandas que compõe esta rede social *rockeira*:

a) Foram encontradas, até o momento, sessenta e oito bandas brasileiras participantes do circuito, são elas: Amnésia (Cascavel), Anacrônica (Curitiba), Anchor (Foz do Iguaçu), Artilharia Pesada (Foz do Iguaçu), Awaken (Foz do Iguaçu), Barbaria (Mogi-Mirim/SP), Bloodshed (Cascavel), Blush (Foz do Iguaçu), Bruder (Foz do Iguaçu), Corbeille (Foz do Iguaçu), Corleone (Foz do Iguaçu), Criminal Love (Cascavel), Crudeliter (Foz do Iguaçu), Darken (Foz do Iguaçu), DDT (Foz do Iguaçu), Desertor (Foz do Iguaçu), Doug Daruma (Foz do Iguaçu), Embrace Your Fears (Foz do Iguaçu), Embrio (Cascavel), Emily Rose (Maringá), Error (Foz do Iguaçu), Espiritual (Foz do Iguaçu), Extrusados (Foz do Iguaçu), Falls (Foz do Iguaçu), Foover (Foz do Iguaçu), Glorian Day (Foz do Iguaçu), Gonzales (Foz do Iguaçu), Goya (Curitiba), Grade (Curitiba), Haelyon (Foz do Iguaçu), Hate Your Fate (Cascavel), Head Trashers (Cascavel), Hell Bullet (Marechal Cândido Rondon), Hipocondria (Realeza), Interfectory (Foz do Iguaçu), Jack Black (Foz do Iguaçu), Kreditor (Cascavel), Leftzero (Maringá), Lokos Live Ramones (Foz do Iguaçu), Mandante (Foz do Iguaçu), Matita Pere (Londrina), Minds of Terror (Foz do Iguaçu), Mil Réis (Foz do Iguaçu), Mr. Morgan (Foz do Iguaçu), Mokka (Foz do Iguaçu), Morthal (Foz do Iguaçu), Nem Pelé nem Maradona (brasileiros e argentinos), Never Die (Foz do Iguaçu), Owci (Foz do Iguaçu), Painside (Rio de Janeiro), Pane Seca (Foz do Iguaçu), Pneumonia (Foz do Iguaçu), Rock Insight (Foz do Iguaçu), Rockstar (Foz do Iguaçu), Rust in Peace (Foz do Iguaçu). Sagital (Foz do Iguaçu), Seed (Cascavel), Semblant (Curitiba), Socialmente Incorreto (Foz do Iguaçu), Soulfunk Poprock – (Foz do Iguaçu), Telicivio (Foz do Iguaçu), Tendencia (Foz do Iguaçu), Thunderscream (Toledo), Trapos de Grife (Foz do Iguaçu), Tsunami (Foz do Iguaçu), Tumulto (Foz do Iguaçu), Vomitification (Dois Irmãos), e, Zerokaus (Foz do Iguaçu).

b) No lado Argentino foram identificadas apenas três bandas: Beatles Cover (Buenos Aires), Nem Pelé nem Maradona – já citada anteriormente, composta por brasileiros e argentinos, e Rata Blanca.

c) Por fim, no Paraguai foram localizadas vinte e três bandas, são elas: Asghard, Arcano, Ahriman, Baron Rojo, Bla-Ble-Bli-Blo-Blues Band, Bleach, Dirty Blues, Funeral, Golden Rock, Kuazar (Ciudad del Este), Moloko, Motorizer, Paramaica, Pipa para Tabaco, Phantom Lord, Putrid Intralis (Asunción), Render (Ciudad del Este), Retrovirus, Savage Atrophy (Asunción), Setencial (Ciudad del Este), Stogeno (Ciudad del Este), Vecindad Autopsia (Ciudad del Este), e, Voodoo Rush.



Perante a exposição e trabalho de campo, foi identificado uma maior troca entre brasileiros e paraguaios, sendo que argentinos parecem estar mais resistentes na participação deste circuito. Mediante esta breve descrição do espaço de pesquisa, estou desenvolvendo uma pesquisa que pretende entender a prática do *Rock and Roll* nesta região plural e de grande movimentação diária. O gênero musical surgiu na Inglaterra e nos Estados Unidos, porém, é um fenômeno transnacional, que se espalhou pelo mundo tomando novas estruturas, influenciado pelas culturas locais.

Para explicar estas novas configurações do *rock*, faço uso do conceito de *culturas híbridas* de Néstor Garcia Canclini como principal hipótese de pesquisa. Apesar da polissemia do conceito, o autor entende hibridação como: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2008:XIX), sendo que estas estruturas discretas já são resultado de hibridações, e por isto não podem ser consideradas fontes puras.

Estas misturas interculturais produzem um enriquecimento se tratando da quantidade de inovação e produtividade. Porém, é ingenuidade pensar que a hibridação acontecerá sem contradições, pelo contrário, este processo pode gerar conflitos particulares. Deve-se levar em conta também que há segmentos culturais que não se deixa hibridar, pois este contato com outras culturas cria uma insegurança que conspira contra a autoestima etnocêntrica do grupo.

A globalização aparece como principal fenômeno da hibridação, acentuando a interculturalidade moderna na criação de mercados mundiais de bens materiais e dinheiro, mensagens e migrantes. Sendo assim, ao contrário do senso comum, o movimento hegemônico do capitalismo mundial não causa a aculturação devastadora das culturas locais. Segundo Sahlins (2007), as culturas locais fazem uso das mercadorias, das relações e da economia estrangeira para se desenvolver e se intensificar como grupo. Sendo assim, os efeitos da globalização nas mudanças sociais são inegáveis, porém, as instituições locais irão sobreviver, mas com novos valores em um novo sistema social. As novas identidades desempenham um papel criativo na hibridação de elementos locais e mundiais, como descrito por Sahlins (2006a e 2006b) em seu texto denominado “Pessimismo Sentimental”, nos exemplos do “*developman*” entre os Mendi estudado por Rena Lederman; de “cultura translocal” ou “sociedade transcultural” no caso da pesquisa de Epili Hau’ofa entre os Mekeo de Papua Nova Guiné, ou ainda do conceito de “culturalismo” exposto por Terence Turner ao estudar os índios Kayapó na Amazônia, no Brasil: onde estas tribos interagiram com os “estrangeiros” sem perder o sentido de si



mesmos, adotando os objetos que lhes foram apresentados por estes, porém, atribuindo valores locais.

De modo sintetizado, as consequências deste novo acontecimento são:

Os fluxos e as interações que ocorrem nesses processos diminuíram fronteiras e alfândegas, assim como a autonomia das tradições locais; propiciam mais formas de hibridação produtiva, comunicacional e nos estilos de consumo do que no passado. (CANCLINI, 2008:XXXI).

A fluidez das comunicações facilita a apropriação de elementos de outras culturas, mas isto não significa a aceitação indiscriminadamente por parte do receptor. Sem dúvida, a globalização amplia as opções combinatórias dos consumidores. A hibridação é resultado imprevisto de processos migratórios, comunicacional, turístico e de intercâmbio econômico, mas depende principalmente da criatividade individual e coletiva.

Em um mundo interconectado, as identidades que são mais ou menos instáveis, como etnias, nações e classes, se reestruturam em outros grupos que são interétnicos, transclassistas e transnacionais.

O autor ainda destaca as fronteiras entre países e as grandes cidades como espaços privilegiados para a formação de estilos e contradições híbridas. As fronteiras rígidas são estabelecidas pelo Estado moderno, porém se tornam porosas. Assim, a ocupação deste território torna-se apenas político e colabora para uma maior facilidade de hibridação, devido ao grande fluxo de migrantes, que trazem consigo línguas e culturas distintas, fomentando maiores conflitos e criatividade cultural.

No exercício de trazer para a realidade da pesquisa estes conceitos teóricos, o *rock'n roll* invade todos os países, inclusive nesta região de fronteira nacional entre Brasil-Argentina-Paraguai, porém há uma negociação entre este objeto transnacional e a cultura local, resultando em novas configurações interculturais - diferente de todos os outros lugares onde houve este diálogo com o *rock*. Esta hibridação é facilmente identificada nas bandas ao se apropriarem de instrumentos e melodias latinas em músicas sonoramente associadas ao gênero musical *rockeiro*. Outra característica desta reestruturação do *rock* nesta região de fronteira é que as músicas são cantadas em espanhol e tratam em sua temática de assuntos locais, como a violência e o tráfico de drogas, armas e muambas.

Sendo assim, é possível perceber que a música é um elemento fluido, vivo e sujeito a hibridações. Ou seja, esta fusão entre diferentes elementos faz com que o *rock* sofra um processo de hibridação e como resultado há novas formas de praticá-lo.

5) CONCLUSÃO:



Após a escolha de uma identidade, o sujeito adquire com naturalidade os símbolos e sinas desta, passa a vivê-la de forma que faça partes de grupos. Temos a necessidade de nos posicionarmos em sociedade, ainda mais se tratando desta sociedade moderna em que há um “leque” de possibilidades disponíveis.

A partir da hipótese da hibridez cultural, a presente pesquisa se torna útil na interpretação das relações interculturais na modernidade. As pessoas que moram nas cidades fronteiriças estão acostumadas com várias formas de hibridismo, como o linguístico – na formação do “portunhol”, por exemplo -, culinário, musical, étnico, dentre vários outros. Em especial a língua, poderia ser considerada por muito como mais uma barreira na região estudada, mas como identificado, não é. A língua “como expressão cultural não é, portanto, o único elemento definidor de uma nacionalidade, mas continua sendo percebida pela maioria dos habitantes de um país como um forte elemento de identificação nacional”, diz Albuquerque (s/n:08).

Estas questões nos mostram que a fronteira não é algo estático, mas sim um espaço de múltiplas temporalidades e mobilidade. No cotidiano deste espaço é construído e reconstruído as identidades conforme os processos. As identidades na fronteira, ora se sobrepõem, outro momento se complementam, podem entrar em conflito, ou ainda se homogeneizar. A fronteira é zona de contato e de passagem, mas também é um forte marcador de diferentes formas de identificação nacional.

O *rock*, como gênero musical exógeno em relação aos três países, dilui hegemonias culturais ou econômicas, constituindo-se numa arena mais neutra de trocas culturais e de experiência entre os atores. Apesar das festas acontecem principalmente nos finais de semana, a rede social *rockeira* está frequentemente ativa na troca de conhecimentos, na articulação para os eventos e na criação de elos de amizade. Em outras palavras, apesar da existência da fronteira política, o *rock* se constitui como objeto híbrido que é consumido pelos três países, e isto faz com que a identidade *rockeira* se mostra em primeiro plano, amenizando as diferentes identidades nacionais.

6) RERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS:

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho de (2009). “A dinâmica das Fronteiras”. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun.

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho de (s/n). “Conflito e Integração na Região de Fronteiras”. In: **Revista de Integração Latino-Americana (MILA)**. Santa Maria-RS.



ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho de (2012). “Fronteiras: entre os caminhos da observação e os labirintos da interpretação”. In: **I Colóquio Internacional sobre Dinâmicas de Fronteira**, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE - *Campus Toledo*.

BARTH, Fredrik (1998). “Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth”. In: **Teorias da etnicidade**. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP.

BÉLEVEAU, Verónica Giménez, & MONTENEGRO, Silvia (2006). “La nación y sus otros: representaciones cruzadas, identidades em espejo”. In: **La Triple Fronteira: globalización y construcción social Del espacio**. Buenos Aires: Miño & Dávila.

BOURDIEU, Pierre (1990). **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense.

CALIL, Marines Antunes (2000). “O retrato do Nation Disco Club: os Neodândis no final dos anos 80” (p.196-229) In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; e, TORRES, LÍlian de Lucca (Orgs.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Fapesp.

CANCLINI, Néstor García (2008). **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, e, Ana Regina Lessa. 4º Ed. São Paulo: USP.

CHEDID, Daniele Reiter (2010). “A alteração das relações de vizinhança entre Brasil e Paraguai: a aproximação cultural como política (1950-1970)”, (pg.137-157). In: NUNES, Ángel; PADOIN, Maria Medianeira; e, OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de, (Orgs.). **Dilemas e Diálogos Platinos: Fronteiras**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2º vol.

COLOGNESE, Silvio Antonio (2011). “A fronteira como unidade de análise nos estudos sobre geração e italianidade”. In: SCHALLENBERGER, Erneldo (org.). **Identidades nas Fronteiras: território, cultura e história**. São Leopoldo: Oikos.

DUARTE, Geni Rosa, & GONZALES, Emilio (2008). “Espaços de produção e deslocamentos de músicos na Tríplice Fronteira (Brasil/ Argentina / Paraguai)”. Comunicação apresentada no **VIII Encontro Internacional da ANPHLAC**, em Vitória-ES.

GIDDENS, Anthony (1991). **As Consequências da Modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto (2011). “Uma atitude bem rock and roll”: estilo de vida e redes sociais entre roqueiros em Fortaleza”. Comunicação apresentada no **XV Congresso Brasileiro de Sociologia**.

LOPES, Pedro Alvim Leite (2007). “Mundo Heavy Metal no Rio de Janeiro” (p.156-190). In: VELHO, Gilberto (Org.). **Rio de Janeiro: cultura, política e conflito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.



MACHADO, Lia Osorio (2010). “Cidades na Fronteira Internacional: conceitos e tipologia”, (pg.59-72). In: NUNES, Ângel; PADOIN, Maria Medianeira; e, OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de, (Orgs.). **Dilemas e Diálogos Platinos: Fronteiras**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2º vol.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; e, SOUZA, Bruna Mantese de (Orgs.) (2007). **Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. 1º Ed, São Paulo: Terceiro Nome.

MARTINS, José de Souza (1997). **Fronteira: a degradação do ouro nos confins do humano**. São Paulo. Hucitec.

NEVES, Franciele Cristina (2010). **Não quero saber o que você realmente pensa: uma etnografia acerca dos conceitos musicais punks na cidade de Toledo/Paraná**. Trabalho apresentado como pré-requisito de conclusão de curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Orientador: Dr. Allan de Paula Oliveira.

OLIVEIRA, Allan de Paula (2009). **Miguilim foi pra cidade ser cantor: uma antropologia da música sertaneja**. Tese de doutorado em Antropologia Social – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina.

RABOSSI, Fernando (2004). **Nas ruas de Ciudad Del Este**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Juan Carlos Arriaga (2012). “Dinâmicas de fronteira: práticas, estratégias y conflictos en la frontera de México con Estados Unidos”. In: **I Colóquio Internacional sobre Dinâmicas de Fronteira**, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE - *Campus Toledo*.

SAHLINS, Marshall (1997a). “O “Pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (Parte I)”. In: **Mana – Revista de Antropologia Social**, vol. 3, n. 1, p. 41-73.

SAHLINS, Marshall (1997b). “O “Pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (Parte II)”. In: **Mana – Revista de Antropologia Social**, vol. 3, n. 1, p. 103-150.

SCHALLENBERGER, Erneldo (2009). **Associativismo Cristão e Desenvolvimento Comunitário: imigração e produção social do espaço colonial do sul do Brasil**. Cascavel: Edunioeste.

SCHALLENBERGER, Erneldo (s/n). **Fronteiras, Integração Espacial e Construção Territorial: o caso do Paraná**.



SOARES, Weber (2004). “Análises de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional”. **Revista Brasileira de Estudos de População**. V.21, n.1, p. 101-116, jan/jun.

VELHO, Gilberto (2003). **Projeto e Metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WOODWARD, Kathryn (2000). “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes.

7) NOTAS:

¹ Licenciada e Bacharel em Ciências Sociais. Discente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*

em Ciências Sociais – Nível Mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – *Campus Toledo*.

² Professor Doutor associado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – *Campus Toledo*. Professor no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais – Nível Mestrado, UNIOESTE.

³ O maior fluxo de pessoas se dá entre o Brasil e o Paraguai, pois existe uma maior facilidade de travessia dessa fronteira, e seu principal motivo é econômico. O movimento para a Argentina se torna menor, pois a fiscalização e burocracia são mais exigentes, o que afasta o movimento popular.

⁴ Estas identidades contrastivas ao rock são provenientes de outros gêneros musicais, como o *sertanejo*, o *pagode* e o *funk*.

⁵ O rock como “gênero musical” é marcado por uma diversidade interna e pela multiplicidade de características. “Intensidade, ‘distorção’ e amplificação constituem os termos para conceituar o rock” (LIMA FILHO, 2011, p.18), mas ritmo, harmonia, temática e melodia são bem variados. Estas sub-categorias são chamadas de sub-gêneros ou estilos do rock. Exemplos de sub-gêneros são o *punk*, o *trash*, o *heavy metal*, dentro outros. Estes estilos criam novos agrupamentos, e novas características, permitindo uma identificação diferencial entre os *rockeiros*.

⁶ Magnani, neste mesmo texto, aponta algumas limitações do conceito de tribo urbana criado por Maffesoli com relação à utilização metafórica em detrimento do uso mais criterioso do conceito.



⁷ Segundo Neves (2010), a cena *underground* é um termo nativo que significa o conjunto de pessoas (músicos ou aficionados) que giram em torno das bandas de rock.

⁸ Segundo Velho (1987, p.105) “Geertz fala em *ethos* quando pretende descrever os ‘aspectos morais (e estéticos) e valorativos de uma cultura determinada”.

⁹ Um exemplo disso é a banda Efecto Sauno, de Ciudad Del Este, no Paraguay, que realiza shows no Brasil e na Argentina, demonstra nas letras de suas músicas o orgulho de sua identidade nacional.

¹⁰ Como resultado da grande quantidade de orientais em Foz do Iguaçu foi construído em 1996 o Templo Budistas. A construção possui uma bela arquitetura, e por isto se torna mais um ponto turismo da cidade.

¹¹ Devido ao grande contingente islâmico na cidade, foi construído em 1981 a Mesquita Omar Ibn Al-Khatib, considerada a maior da América Latina, além de ser mais um importante ponto turístico.

¹² O site H2Foz oferece informações sobre as festas na fronteira, se tornando um importante meio de divulgação para o circuito, <http://www.h2foz.com.br>.